ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO

MARCUS VINICIUS GIL CAVALIERI BRANDÃO

A MISSÃO MILITAR FRANCESA E A ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO

Rio de Janeiro

2018

ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO

MARCUS VINICIUS GIL CAVALIERI BRANDÃO

A MISSÃO MILITAR FRANCESA E A ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Equitação do Exército como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Especialização em Equitação, pós-graduação universitária lato sensu

Orientador: Maj Cav Claudio Adão de Jesus **Meira**

Rio de Janeiro

2018

MARCUS VINICIUS GIL CAVALIERI BRANDÃO

A MISSÃO MILITAR FRANCESA E A ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Equitação do Exército como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Especialização em Equitação, pós-graduação

Data de Aprovação:

Banca Examinadora

_____

Claudio Adão de Jesus Meira – Maj

Presidente

_____

McClelland Mozart Diniz Soares - Cap

1º Membro

_____

Eric Blas Ramirez – 1º Ten

2º Membro

Ao Deus, aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado e nunca mediram esforços para me ajudar, ao cavalo, ilustre ser, que me motiva e inspira.

AGRADECIMENTOS

Ao Pai celestial, por me proporcionar a saúde e a determinação necessárias para superar os diversos desafios que foram impostos ao longo do ano.

Aos meus pais, Marco Antônio e Simone, por me apoiarem de maneira incondicional em todos os projetos da minha vida. Ainda que de longe, são fundamentais em cada vitória que eu venha a alcançar.

Ao Major Marcelo, pelas orientações na preparação para o curso bem como pelo apoio material.

Ao Major Meira, pela orientação oportuna para a realização deste trabalho.

Ao Capitão Alves, pela motivação, desde os tempos de AMAN, pelas orientações durante o curso e pela amizade.

Aos meus companheiros de curso, especialmente o 1º Ten Danilo Machado, pela amizade e camaradagem, durante as incontáveis horas de estudo, as instruções práticas e no cotidiano de abnegação que enfrentamos.

Aos meus instrutores e monitores do Curso de Instrutor de Equitação pelo conhecimento, paciência e pela dedicação ao longo do ano.

Aos cavalos Lancelot, Nam, Oster *In Memorian,* Federado, Nobre, Leonard, Jasper, Nosferato, Inca e Arya, minhas montadas durante o curso, pelo tanto que me ensinaram, cada um com sua personalidade, tornando-me uma pessoa melhor. Por desenvolverem, não somente a minha técnica em equitação, como também minha coragem, iniciativa, paciência, perseverança e empatia.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo verificar a contribuição da Missão Militar Francesa e da Escola de Equitação para o Exército Brasileiro. No início do século XX, nosso país possuía um Exército desorganizado e obsoleto. Para sanar tal problema foi contratada a Missão Militar Francesa de Instrução. A França era uma potência ocidental que havia saído vitoriosa da Primeira Guerra Mundial, maior conflito da história até aquele momento. A eficácia da sua doutrina era amplamente comprovada e , juntamente com os demais países vitoriosos, começaram a exportar o seu modo de combater para os países menos desenvolvidos. Dessa maneira aumentavam a sua área de influência seja na área política, cultural ou econômica.

Quando chegaram, os franceses iniciaram uma verdadeira renovação no âmbito de todas as armas do Exército. Novas Escolas e Estruturas foram criadas. Além disso, foram transmitidos diversos métodos de aplicação das novas doutrinas. Os novos ensinamentos foram regulamentados em manuais para que a doutrina fosse amplamente divulgada. Um dos legados mais importantes da Missão Francesa foi a criação da atual Escola de Equitação do Exército. Na época, o Exército era hipomóvel e havia necessidade da tropa melhorar o seu desempenho à cavalo. Assim como em quase todas as áreas, o conhecimento sobre equitação até aquele momento era quase que totalmente empírico, com muito pouca padronização de técnicas, procedimentos e métodos. Ao final, verificamos de que maneira esses dois eventos supracitados, a Missão Militar Francesa e a Escola de Equitação, contribuíram para o Exército e qual foi a sua importância.

.

Palavras-chave: Missão Militar Francesa, Escola de Equitação, Doutrina, instrução

LISTA DE ILUSTRAÇÔES

Figura 1 – Arte antiga retratando a interação do homem com o cavalo.....12
Figura 2 – Cavaleiros mongóis.....13
Figura 3 – Pintura retratando a Equitação Acadêmica durante o Renascimento.....14
Figura 4 – Evento hípico do início do século XX no Rio de Janeiro.....16
Figura 5 – Cavaleiro alemão.....18
Figura 6 – Instrutores da Missão Militar Francesa.....20
Figura 7 – Exército Francês durante a Primeira Guerra Mundial.....23
Figura 8 – Equitação Acadêmica.....26
Figura 9 – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.....28
Figura 10 – Instrução Militar atual.....29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....08
2 REFERENCIAL TEÓRICO- METODOLÓGICO.....10
2.1 REVISÃO DA LITERATURA.....10
2.2 ANTECEDENTES DO PROBLEMA.....11
2.2.1 **O cavalo e o homem**.....11
2.2.2 **A equitação no Brasil**.....15
2.2.3 **A chegada da Missão Militar Francesa**.....18
3 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS.....22
3.1 A DOUTRINA 22
3.1.1 **Contribuição da Missão Militar Francesa na doutrina**.....22
3.1.2 **Contribuição da Escola de Equitação na doutrina**.....24
3.1.3 **Conclusão parcial sobre doutrina**.....25
3.2 A ESTRUTURA.....28
3.2.1 **Contribuição da Missão Militar Francesa na estrutura**.....28
3.2.2 **Conclusão parcial sobre a estrutura**.....28
3.3 A INSTRUÇÃO.....28
3.3.1 **Contribuição da Missão Militar Francesa para a instrução**.....28
3.3.2 **Contribuição da Escola de Equitação para a instrução**.....30
3.3.3 **Conclusão parcial sobre a instrução**.....31
4 CONCLUSÃO.....32
REFERÊNCIAS.....34
APÊNDICE A – ENTREVISTA EXPLORATÓRIA.....35

1 INTRODUÇÃO

O Brasil da década de 1920 era um país agrário porém com um enorme potencial econômico devido à quantidade de riquezas naturais em seu território. A região amazônica e outros polos econômicos foram alvos de cobiça por parte de estrangeiros. O Exército Brasileiro não tinha condições de fazer frente caso houvesse uma ameaça de vulto por parte de um inimigo moderno pois sua doutrina e técnicas eram completamente obsoletas principalmente porque as potências mundiais haviam recém participado da Primeira Guerra Mundial.

Para modernizar e desenvolver nossa doutrina e instrução foi contratada a Missão Militar Francesa. Era comum as potenciais ocidentais, já calejadas por muitas guerras, prestarem assessoramento para outros exércitos de países ainda não tão desenvolvidos. Os brasileiros depositaram suas esperanças nos franceses, vitoriosos após o maior conflito que o mundo vira até então. Uma das áreas em que a Missão mais influenciou foi a doutrina equestre, pois até então não havia nada formalizado em relação a ela (lembrando que o Exército Brasileiro era praticamente todo movido por cavalos). Para isso foi criado o Centro de Formação de Oficiais Instrutores de Equitação, que deu origem a futura Escola de Equitação do Exército.

Essa pesquisa tem o objetivo de descrever a contribuição da Missão Militar Francesa e da Escola de Equitação do Exército para o Exército Brasileiro. Para isso ela foi dividia da seguinte maneira:

No primeiro capítulo fazemos uma revisão da literatura já existente sobre a Missão Militar Francesa e sobre a criação do Centro de Formação de Oficiais Instrutores de Equitação. Não foram localizadas muitas fontes que expressam em detalhes como foi a revolução doutrinária e técnica que ocorreu na época. Para alcançar esses detalhes, recorremos à entrevistas de algumas autoridades no assunto que constarão ao final do trabalho.

No segundo capítulo verificamos os antecedentes históricos. Primeiramente a relação do homem e do cavalo e sua eficiente trajetória militar através dos tempos. Após isso abordaremos de maneira sucinta como foi o desenvolvimento da equitação em nosso país desde a chegada dos primeiros cavalos. Também falaremos sobre a origem da Missão Militar Francesa e o porquê de suas motivações.

Em um terceiro capítulo, para buscar uma comparação de antes e depois da Missão Militar e do Centro de Formação de Oficiais Instrutores, separamos três

aspectos em que focamos nossa atenção: a doutrina , a estrutura e a instrução para verificarmos a real contribuição desses eventos com uma conclusão parcial em cada um dos itens.

Por fim concluiremos sobre a contribuição da Missão Militar Francesa e a Escola de Equitação do Exército para o desenvolvimento do Exército Brasileiro e assim encerramos nossa pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nosso tema de pesquisa insere-se na área de História Militar, conforme definido naPortaria nº 517, de 26 Set 00, do Comandante do Exército Brasileiro (BRASIL, 2000).

2.1 REVISÃO DA LITERATURA

Infelizmente, não foi localizada literatura que aborde em detalhes a Missão Militar Francesa no Brasil, como foi mencionado anteriormente. No entanto, o General Alfredo Souto Malan em sua obra ‘’ Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileira’’ consegue expor como foi principalmente o início da Missão e sua grande influencia no Exército. No livro há o relato do Marechal Estevão Leite de Carvalho:

> O contrato da Missão Militar Francesa e a definição de suas funções não foram examinados pelos historiadores militares. É assunto todavia que requer estudo e comentários, porquanto foi decisiva sua atuação na formação do moderno Exército.(MALAN, 1988, apud CARVALHO, 1962)

O general afirma que foi o despertar do sentimento de responsabilidade dos chefes militares que fez com que se preocupassem em melhor equipar e instruir seu exército. A Missão Francesa modificou e modernizou a doutrina, a instrução e a estrutura da nossa Força Terrestre, principalmente com a criação de diversas escolas como por exemplo a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a Escola de Equitação do Exército.

O Capitão de Cavalaria Leonardo Martins Gomes, em seu trabalho de conclusão de curso na pós graduação em equitação, aborda a história da Escola de Equitação do Exército desde a sua criação com a Missão Militar Francesa até os dias atuais com a participação da mesma em diversos eventos esportivos de grande vulto. Ele afirma que a Missão identificou uma grande necessidade de uma escola de cavalaria em que os oficiais pudessem aprender e praticar a equitação acadêmica pois o Exército Brasileiro era hipomóvel e as diferentes armas que utilizavam o cavalo precisavam de um treinamento especial para que potencializasse o desempenho com o maior rendimento possível no trabalho com o menor gasto de energia do cavalo e do cavaleiro. Ele também cita em seu trabalho o insucesso da equipe brasileira no Concurso Hípico Internacional em comemoração ao centenário da independência um dos principais fatores que motivou a criação do Núcleo de Adestramento de Equitação, embrião da atual Escola de Equitação do Exército.

O 1º Tenente Eric Blaz Ramirez de Cavalaria também escreveu sobre o assunto em seu trabalho de conclusão de curso do Curso de Instrutor de Equitação em 2012. Ele faz uma abordagem de maneira genérica do legado deixado pelos franceses durante o início do século XX pois foi quando trouxeram, durante a Missão Militar, uma base metódica da arte equestre. Sobre a equitação no Brasil pouco se escreveu a respeito de sua história, apesar da importância que se dá a respeito das missões francesas, o que se sabe é que foi um processo de grande relevância para a equitação em nosso país, mas não há nada escrito até que ponto os franceses influenciaram nossa doutrina. (RAMIREZ, 2012, p. 13)

2.2 ANTECEDENTES DO PROBLEMA

2.2.1 O Homem e o cavalo

A utilização da força do cavalo juntamente com a inteligência e criatividade do homem, desde tempos antigos, nos remete a recordações de vitória e sucesso, como relata o Capitão Cav Rafael Matta Assenção Pereira em seu trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Equitação do Exército (EsEqEx):

> A história nos mostra que a utilização de cavalos por diversos povos foi um fato marcante e de suma importância. Inovações das técnicas agrícolas como a invenção do arado e o moinho mecânico tiveram o proveito de sua utilização graças aos cavalos, que serviam como força de tração. Foram utilizados tanto para o desenvolvimento tecnológico quanto para as guerras, marcado em civilizações como os hunos e os mongóis, que foram as que notavelmente mais empregaram esses animais em combate, destacando-se em suas conquistas territoriais. Na Idade Média, o emprego bélico do cavalo encontrou seu auge. O reino que conseguia custear uma vasta cavalaria pesada possuía grande vantagem e era temido perante os demais. (PEREIRA, 2011, p. 9).

Os primeiros contatos entre o homem e o cavalo aconteceram em data indefinida há milhares de anos. No começo, o interesse do ser humano pelo cavalo era devido às razões alimentícias pois a grande quantidade de carne que o animal possui servia de alimento para famílias inteiras. Havia então uma relação de caça e caçador e o cavalo ainda não era domesticado. A domesticação só foi acontecer bem depois como relata o Capitão de Cavalaria Leonardo Martins Gomes em seu trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Equitação do Exército:

> A domesticação se deu em 2000 a c, bovino e caprinos já faziam parte do cotidiano do homem e os cães já os acompanhavam há milhares de anos. Pinturas e instrumentos recolhidos em escavações arqueológicas indicam que o cavalo era mantido em rebanho como fonte de carne e possivelmente de leite. Estudos mais recentes nos levam a acreditar que a domesticação

do cavalo veio há aproximadamente 4000 a c no leste europeu (GOMES, 2011, p.6).

Figura 1 – Arte antiga retratando a interação do homem com o cavalo Fonte: <viajaracavalo.com.br/cavalo-e-as-olimpiadas/> acessado em setembro de 2018

Até hoje não há certeza sobre o início da utilização do cavalo pelo homem. Não se sabe se o cavalo foi usado, primeiramente, para montaria ou se sua força era empregada para puxar carroças ou arados. No entanto, podemos comparar a importância da domesticação do cavalo com a Revolução Industrial. Diversos povos tiveram o seu desenvolvimento acentuado de maneira significativa ou até mesmo determinante após a domesticação desse fabuloso animal. O cavalo deu para o homem a possibilidade de encurtar o tempo necessário para percorrer distâncias, ou seja, uma mobilidade e flexibilidade que até então o ser humano não tinha.

Acredita-se, a equitação foi desenvolvida para uma melhor eficácia do controle de outros cavalos em bando, visto que os outros equinos respeitavam muito mais o homem no dorso de outro cavalo do que ele à pé. A teoria mais aceita afirma que povos nômades da estepes desenvolveram a equitação. No entanto, diferentemente da equitação atual, o objetivo naquele momento não era a submissão do cavalo ao homem mas sim fazer com que o nômade ser torna-se muito mais eficiente para caçar ou guerrear. Ou seja, o objetivo era unir as principais potencialidades de ambos: a inteligência do ser humano com a força e velocidade do cavalo, criando assim um predador extremamente eficaz.

Grandes civilizações souberam utilizar muito bem o cavalo como uma plataforma de combate, atentando principalmente para o poder de choque e seu poder dissuasório. Germânicos, árabes, hunos e mongóis são exemplos de povos que subjugaram diversos outros porque conseguiam potencializar o uso dessa nova máquina de guerra. Essa potencialização se deve à fabricação de cabeçadas, selas, estribos e embocaduras, que facilitavam o controle do animal, aliadas ao estudo de

táticas especiais para tropas montadas no campo de batalha. O Primeiro-Tenente de Cavalaria Thiago Thomas Cristovão Liotti relata sobre isso em seu trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Equitação do Exército:

> O cavalo, quando utilizado como arma de guerra, não só possibilitou diminuir o tempo de deslocamentode uma tropa como também aumentar a capacidade de ocupação territorial de uma civilização. As civilizações dos povos germânicos, árabes, hunos e mongóis utilizaram-se dessa arma de forma eficiente, impondo grande letalidade aos seus inimigos. (LIOTTI, 2015, p.16).

Figura 2 – Cavaleiros mongóis Fonte**:** < incrivelhistoria.com.br > acessado em setembro de 2018

As táticas incluíam avanço , recuo, dispersão e reorganização muito rápidas das colunas e formações das tropas de cavaleiros. Assim, os hunos dominaram grande parte do mundo antigo enquanto os mongóis formaram o maior império em extensão territorial da história da humanidade.

> Não se via diferença na coordenação , entre uma ‘’revoada de águias’’ e um ataque nômade em que milhares de cavaleiros faziam manobras militares como se fossem um só corpo. Os romanos chamaram de *Sagitarius* essa coordenação entre o homem e o cavalo e entre todos os integrantes da cavalaria. (GOMES, 2011, p.8).

Juntamente à utilização do cavalo como máquina de guerra, surgiu o interesse do cavalo como uma arte. Apesar de que Xenofonte já escrevia sobre equitação como arte, em sua obra ‘’ Manual de Cavalaria’’, anos antes de Cristo, esse conhecimento ficou esquecido durante muito tempo, vindo o homem somente a

retornar os seus estudos após o Renascimento Cultural, já no século XXII. Segundo o Primeiro-Tenente Eric Blaz Ramirez, em seu trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Equitação do Exército, com o estimulo advindo do Ressurgimento dos Estudos Científicos e Metódicos, criou-se a Academia de Equitação em 1532 por Frederico Grisone na Itália (2012, p.17). No final do século XVII e durante o século XVIII, a Equitação Acadêmica atingiu o seu auge na França com a fundação da Escola de Versailles em 1680. Depois de um período agitado e conturbado devido à Revolução Francesa, ela foi fechada. Entretanto, a Escola de Cavalaria de Saumur foi criada em 1834 e até hoje é um dos mais tradicionais e respeitados estabelecimentos de ensino de equitação do mundo.

Figura 3 – Pintura retratando a Equitação Acadêmica durante o Renascimento
Fonte: < cbh.org.br/index.php/historico-adestramento.html > acessado em setembro de 2018

2.2.2 A equitação no Brasil

Os portugueses trouxeram o cavalo para o Brasil logo no início de sua colonização, tendo o animal grande importância com sua participação nas diversas expedições seja para reconhecimento do novo território ou exploração de suas riquezas. Diferentemente de Portugal, a nova colônia possuía dimensões continentais. Os equinos se espalharam assim rapidamente por todo país, no entanto, em maiores quantidades nas regiões meridionais devido ao terreno e fatores climáticos.

Na parte esportiva os primeiros registros relacionados ao cavalo são da época da colonização holandesa no Nordeste.

> O conde Maurício de Nassau, governador da colônia holandesa no Brasil, governador da colônia holandesa no Brasil, organizou na cidade de Mauricea , atual Recife/PE, o ‘’Torneio de Cavalaria’’, competição que contou com a presença de holandeses, alemães, franceses, ingleses, portugueses e brasileiros divididos em duas equipes. Sagrou-se campeã a equipe composta por brasileiros e portugueses, que derrotou a equipe composta pelas quatro nações restantes. (LIOTTI, 2015, p.17).

Segundo Liotti, a chegada da Família Real portuguesa, em 1808, trouxe diversas modificações para a estrutura da colônia e, por consequência, a cultura europeia passou a ser mais disseminada entre a população. Assim surgiu o interesse pele caça à raposa e pelo turfe, ambos esportes equestres praticados no ‘’velho continente’’. O jornal ‘’Diário Fluminense’’ de 31 de julho de 1825 noticiava que o imperador Dom Pedro I e sua esposa, por diversas vezes, estavam na plateia das ‘’paralhas’’ mostrando a apreciação da nobreza e da aristocracia pelas corridas à cavalo. O ato de ir prestigiar o esporte se tornou um símbolo de civilidade. A alta sociedade frequentava ativamente os hipódromos onde regras de etiqueta, vestimenta e atitudes eram bastante rígidas. A institucionalização se deu por influência de um grupo de aristocratas formado também por militares, inclusive o então Conde de Caxias (futuro Duque de Caxias) que criou o ‘’ Club de Corridas’’. Esse foi o primeiro clube criado exclusivamente para o esporte no Rio de Janeiro.

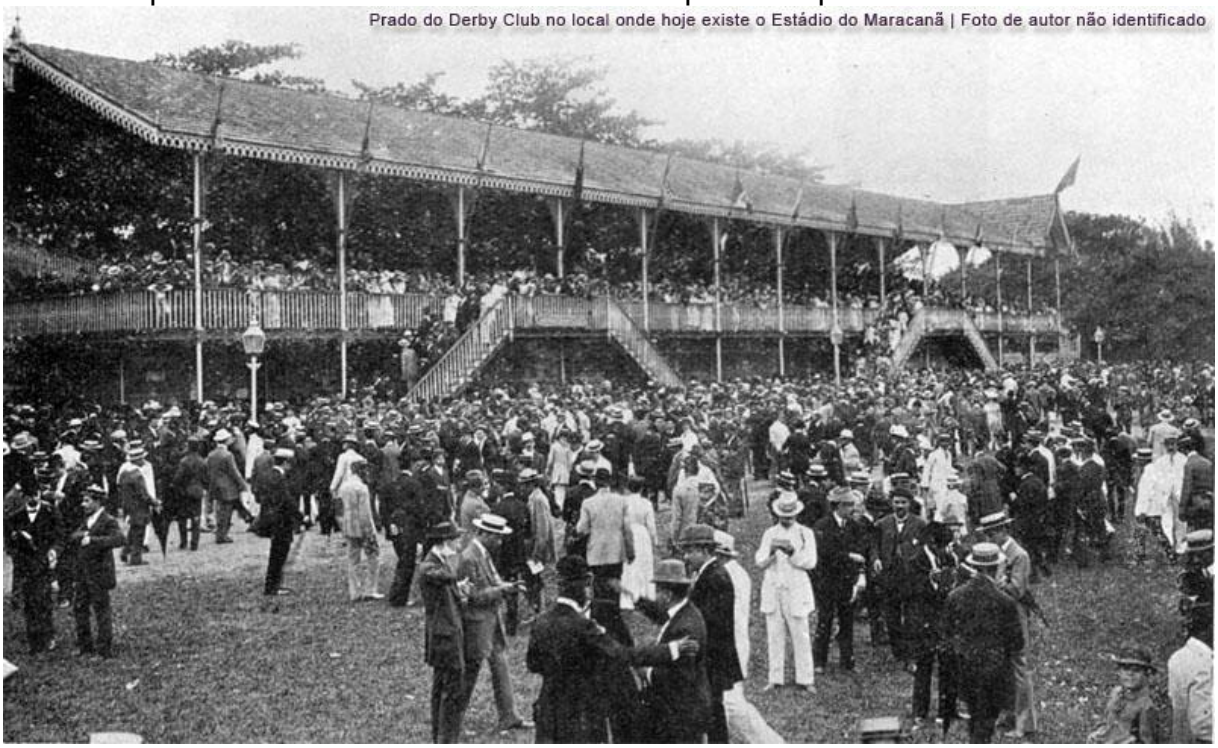

Figura 4 – Evento hípico do início do século XX no Rio de Janeiro Fonte: < riodejaneiroaqui.com/pt/historia-jockey-club.html > acessado em setembro de 2018

Nesse mesmo período, o Brasil passou a facilitar a importação de garanhões puro-sangue inglês com o objetivo de trazer um melhoramento para a criação nacional, aproveitando o interesse pelo turfe, principalmente da porção da população com maior poder aquisitivo. Contudo, foi no período da Guerra da Tríplice Aliança (1864 – 1870) que colocou-se em prática o projeto de criação de coudelarias para o Exército Imperial e a missão e levantamento e escolha dos locais mais adequados seria realizada por Luiz Jácome de Abreu e Souza . Essa indicação , de grande

responsabilidade, foi devido ao tempo que o mesmo permanecera na Inglaterra aprofundando-se em diversos ensinamentos tais como hipologia, criação e corrida de cavalos com o Duque de Newcastle.

> Entusiasta e ativo organizador de competições, Jácome fundou vários jockeys clubs no país e teve também o seu próprio clube. Dirigiu grandes corridas de *steeple-chase* no campo de São Cristovão, em 1865, e foi o primeiro, três anos depois, a utilizar o *photochart*, também conhecido como ‘’ olho mecânico’’. (FERREIRA, 2012, p.13).

Luiz Jácome, no ano de 1869, foi premiado com o posto de Capitão Honorário da Guarda Nacional pela própria Família Imperial, por reconhecerem a sua imensa ajuda na difusão da equitação acadêmica e metódica, além da excelência que realizava a sua função de professor quando foi contratado como mestre de equitação da Princesa Leopoldina. Foi despertada dessa maneira a simpatia da corte pela equitação com as cavalgadas e aulas da princesa na Quinta da Boa Vista.

Com a fama de ‘’domador fidalgo’’, Luiz Jácome viaja o Brasil ensinando métodos mais brandos de doma em relação aos que era realizados até então. Jácome costumava ‘’dobrar’’ com paciência o pescoço de cavalos, mulas e éguas em oito dias ao invés de ‘’quebrar’’ o pescoço do animal ainda indomado.

> Quando já enfreiado, o cavalo xucro era passado ao lado de outro cavalo manso, cavalgando este, de repente, entre as palmas dos espectadores, Jácome passava-lhe uma perna por cima. Antes de cavalgá-lo definitivamente, acostumava-o com sua presença, junto, pegava-lhe as patas. (ALMEIDA, 1993, p.132).

Liotti afirma que já no início do século XX, Jácome é nomeado como primeiro instrutor de equitação do Colégio Militar do Rio de Janeiro, realizando a aula inaugural do Esquadrão de Cavalaria desse estabelecimento de ensino. Dessa maneira, começa também, ao mesmo tempo, a difundir os ensinamentos dos Duque de Newcastle no Regimento de Cavalaria de São Cristóvão. Isso fez com que diversos oficiais do regimento tornassem seus discípulos como , por exemplo, os tenentes: Lacerda Gama, Orozimbo Pereira , Armando Jorge, Antônio da Silva Rocha, Euclydes Figueiredo e Lima Mendes.

Dois desses oficiais foram enviados para uma missão militar em Hannover onde tiveram a oportunidade de realizar o curso da escola de equitação daquela cidade. Nesse momento, a doutrina alemã era a que mais influenciava a equitação acadêmica em nosso país. Os oficiais que retornaram das terras germânicas ficaram conhecidos como ‘’jovens turcos’’, uma comparação com os militares turcos que, após passarem uma período de estágio na Alemanha, introduziram diversas reformas políticas e militares na Turquia. O Major Dias Oliveira redigiu um artigo publicado na Revista Militar em 1911 em que evidencia o valor dado à equitação pelo oficial alemão.

> [..] o oficial d’estado-maior não deve somente desenvolver o espírito, completar a instrução, já pelo útil jogo guerra, a resolução de themas tácticos, conferências já pelo trabalho d’inverno ou de viagem d’ estado-maior . É-lhe igualmente necessário desenvolver as qualidades physicas, tonificar e robustecer o organismo, para suportar com vantagem a inclemência da vida em campanha, como convém a homem de guerra. Por isso, o oficial alemão , além de grandes manobras de outmno, dedica-se com paixão aos diversos gêneros de exercícios physicos, como gymnastica, cyclismo, a equitação, as marchas de guerra e as demais úteis e atraentes diversões creadas pelo sport moderno. (MALAN, 1988, apud REVISTA MILITAR, 1901)

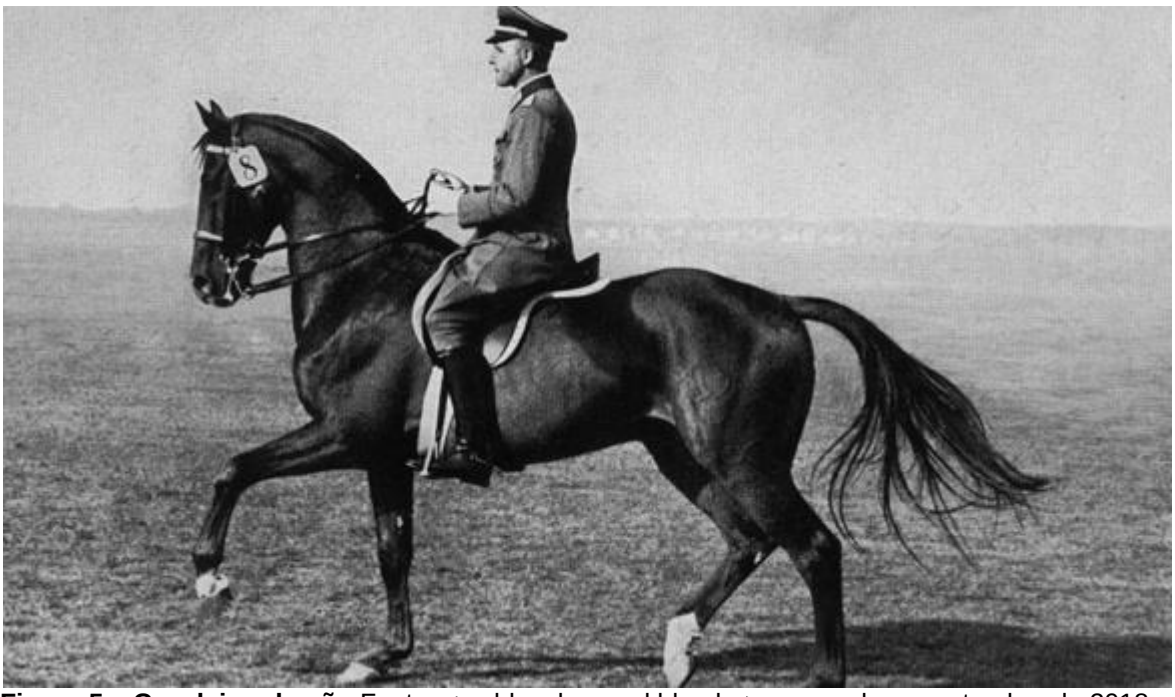

Figura 5 – Cavaleiro alemão Fonte: < zablaeskengyel.blog.hu> acessado em setembro de 2018

O capitão Jácome cria em 1911 o *Club Sportivo de Equitação,* utilizando-se das cocheiras pertencentes à Princesa Leopoldina, na Quinta da Boa Vista. Juntamente com o Centro Hípico Brasileiro, situado na Praia Vermelha e o Clube Hípico da Rua Silva Jardim formava a principal base da equitação no Rio de Janeiro.

2.2.3 A Chegada da Missão Militar Francesa

Segundo Malan, dá-se o nome de missão aos elementos, devidamente autorizados e credenciados, representam o seu país de origem para o governo de outro país amigo com um propósito bem definido e delimitado. O conhecimento é transmitido, através das missões, em doses maciças ou individuais. A missão de instrução é planejada num país, por um acordo entre dois governos, com o objetivo de transmitir ensinamentos e prestar assistência para a organização, doutrina e preparo de uma tropa militar. Isso tem que ser coerente com a realidade conjuntural e econômica do país assistido para que a missão seja realmente eficaz.

As potências ocidentais, principalmente as europeias, foram forjadas ao longo de sua história por diversos conflitos armados. A arte de guerrear foi sendo dominada e melhorada através dos séculos por brilhantes chefes militares. Esse conhecimento notório despertou o interesse de países latino-americanos carentes de sabedoria em grandes conflitos com uso de tecnologia avançada para a época.

Assim foram criadas diversas missões para que países como o Brasil reestruturassem seus exércitos.

Entre Brasil e França foram as afinidades, sejam elas espirituais, doutrinárias ou culturais que nortearam a aproximação e o relacionamento entre os dois exércitos. O general Alfredo Souto Malan relata em seu livro:

> Foi durante a guerra de 1914-1918 que nasceu o projeto da Missão Militar Francesa no Brasil, quando o General Malan d'Angrogne , então Tenente-Coronel, era o Adido Militar em Paris. Sua origem, sua educação em grande parte francesa , fizeram dele, como no decorrer de sua longa e ilustre carreira, o fiel amigo da França, como se conserva seu filho e continuador, o General Souto Malan, autor deste belo trabalho, pelo qual todos os antigos membros da missão lhe serão reconhecido. (MALAN, 1988, p.1).

Durante a batalha de Verdun, o Marechal Hemes da Fonseca fez parte de uma missão militar que visitou, com o Alto Comando Francês, diversos setores do front. Com essa visita a tendência era o Brasil se aproximar cada vez mais do Exército Francês e isso foi ratificado quando no início de ano de 1918 o país recebeu a visita do General Aché que determinou o envio de material de instrução e instrutores, especialmente para a aviação. Assim, o Brasil uniu seu esforço com os países aliados com o objetivo de derrotar a Alemanha.

> Um telegrama de novembro de 1918 solicitava, oficialmente, ao Governo francês , o envio de uma importante missõ ao Brasil. Depois de uma visita feita ao general Jofre , Malan d ' Angrogne obteve a designação do General Gamelin antigo chefe de gabinete do vencedor do Marne, célebre comandante da Divisão em 1918, e que se destacava entre os mais brilhantes do nosso Estado-Maior Geral , para chefiá-la . Ele mesmo escreveria mais tarde: '' confesso que não é sem orgulho que lembro a obra realizada no Brasil , de 1919 a 1925''. (MALAN, 1988, p.1)

No planejamento inicial da Missão, seriam menos de três dezenas de oficiais franceses que não deveriam interferir no exercício do comando dos quadros do Exército Brasileiro. Eles estariam no então Ministério da Guerra , em Unidades específicas , nas Escolas de formação e nos serviços de todas as armas. Assim, seria assegurado a revisão ou o estabelecimento de novos regulamentos.

O General Gamelin comandou a missão até 1926, sendo sucedido pelos Generais Coffec, Spire , Huntziger, Noel e Chadebec de Lavalade, que tiveram sob suas ordens diversos oficiais selecionados e que criaram no Brasil verdadeiras amizades.

Figura 6 – Instrutores da Missão Militar Francesa Fonte: < funceb.org.br > acessado em setembro de 2018

O Exército brasileiro no ano de 1919 possuía um efetivo de aproximadamente 40 850 homens, sendo 38780 praças e mais de 2170 oficiais. Esse número de militares era divididos em Comando e Forças, sendo o primeiro desdobrado em Ministério da Guerra, Estado-Maior, Inspeções de Armas e Serviços e Grandes Comandos (Comandantes de Regiões Militares e de Grandes Unidades). Eram oito grandes Unidades operacionais: 5 divisões de Exército e 3 Brigadas de Cavalaria.

Os aquartelamentos eram muito ruins ou quase precários, ainda que o Marcheal Hermes tenha dado um grande passo quando mandou construir os quartéis e residências na Vila Militar do Rio de Janeiro. A grande maioria dos quartéis não era suficiente nem mesmo para seus corpos ou materiais de instrução. Algumas unidades chegavam a cumprir seus expedientes somente com seus oficiais, sem poder receber suas praças devido à falta de alojamentos. Também não existia campos de instrução para a realização de manobras militares, com excessão de Saicã no Rio Grande do Sul.

O Material Bélico era, em sua maioria, de origem germânica. O fuzil era o Mauser recebido entre 1911 e 1913. Como principal arma da artilharia tinha o canhão Krupp. Uma comissão de compras chegou a ser formada e mandada aos Estados Unidos vindo a adquirir uma equipagem de pondes tipo Cavalaria, de pontões desmontáveis e revestidas de lona mas as viaturas eram pesadas demais para os ‘’corredores’’ que haviam no Rio Grande do Sul. Castro e Silva expôs certa vez: ‘’ O Ministro Calógeras encontrou, na realidade, um Exército deficiente em relação àquele que , no papel, nossas leis militares compunham’’.

Em relação às instruções, no entanto, muito coisa boa foi feita, desde a administração Mallet no início do século. Os regulamentos eram bem feitos, devido aos brilhantes oficiais que estagiaram no Exército alemão e que transmitiram com muita sabedoria na ‘’ Defesa Nacional’’, criada em 1913. Havia também as manobras de Grande Unidade realizadas em 1905 e 1906 na área de Santa Cruz, quando Hermes comandava o 4º Distrito Militar.

Quanto à Doutrina, logicamente incluindo os princípios de preparo e emprego da Força Terrestre, o Exército Brasileiro era muito incipiente faltando sistematização de ações em combate, procedimentos em relação ao condicionamento da tropa e padronização de materiais. Devido à todos esses motivos supracitados, a chegada da Missão Militar Francesa era de suma importância e despertava ansiedade principalmente para os membros do oficialato.

De acordo com Malan, a equipe comandada pelo General Gamelin era composta por militares que em sua maioria nunca estiveram na América do Sul. No entanto, todos possuíam elevada capacidade profissional para muito bem cumprir a missão a que se propuseram. Os integrantes franceses possuíam as mais variadas personalidades: uns eram mais extrovertidos, outros tinham uma maneira mais grosseira de se tratar , uns tinham facilidade e pré-disposição para aprender a língua portuguesa outros impressionavam pelo seu vasto conhecimento e cultura. Foram recebidos muito bem, como não poderia deixar de ser, mas depois de algum tempo despertaram certa reação de alguns Oficiais nativos mais arredios e menos capazes, possivelmente pela dificuldade de assimilar os conhecimentos inovadores.

A Missão foi contratada com o objetivo de inovar e desenvolver o atrasado Exército da época, para isso era necessário organizá-lo e instruí-lo. Sendo assim fazia mister que iniciasse pelas Escolas Militares para que fosse criada uma única Doutrina de métodos de trabalho e regulamentos que fosse difundida para os demais corpos de tropa.

> O período de preparação, previsto pelo Ministro Aguiar no seu telegrama de dezembro de 1918 ao Adido Militar em França, quando externava ‘’vinda imediata indicado General...precedendo Missão a fim de conhecer nossas condições, visitar pontos essenciais nosso país, assentar comigo programa e providenciar a sua execução’’, fora completa e objetivamente aproveitado. Em oito meses o chefe pôde fazer uma planejamento adequado e , de chegada, através de comissões de revisão e atualização ou de tradução e adaptação de regulamentos, bem como do ensino, atualizado na Escola de Estado-Maior, inteiramente novo na de Aperfeiçoamento de Oficiais e , posteriormente, nas de Veterinária e de Intendência, começou o Exército Brasileiro a viver uma nova era. (MALAN, 1988, p.1).

3 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 A DOUTRINA

3.1.1 Contribuição da Missão Militar Francesa na doutrina

A Missão Militar Francesa deu muito ênfase na doutrina de guerra pois no Brasil praticamente não havia. O conhecimento tático utilizado era quase que empírico com algumas semelhanças às táticas do Exército Alemão por conta de intercâmbios anteriores. Cinco escolas foram instaladas pela Missão. Uma delas foi a Escola de Estado-Maior (atual ECEME). O Objetivo era difundir para os futuros comandantes de tropa a doutrina francesa. Nessa ocasião o General Gamelin afirmou:.

> E, quando estiverdes progressivamente habituados a encará-las (as questões táticas) da mesma maneira, poderemos dizer que a Doutrina passou para os vossos reflexos. (MALAN , 1988, apud GAMELIN, 1920).

Desde o início da Missão, temas táticos eram estudados onde os instrutores franceses procuram caracterizar diversas aplicações da doutrina, através do equacionamento das questões, sempre com respeito às prescrições regulamentares. Foram se criando assim os reflexos citados pelo General Gamelin naqueles que seriam auxiliares e até mesmo comandantes do novo Exército.

> Não tendo nós vvido, em nossa História Militar imediatamente anterior à vinda da Missão, a dura e sangrenta experiência de lutaexterna, ela lançou mão, desde o início de sua atividade, de exemplos de sua própria história e também de campanhas estranhas – caso das ocorrias na Guerra de Secessão – para caracterizar ensinamentos táticos e , principalmente, estratégicos. (MALAN, 1988, p101.)

Muito semelhante ocorreu com a criação da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais pois os franceses julgavam que era necessário retirar o caráter eminentemente teórico que vinha sendo estudado no ensino militar brasileiro, mesmo com as sucessivas transformações de regulamentos e dar-lhe definitivamente um caráter mais prático e técnico que se impunha na época.

Os chefes militares franceses determinaram que os ensinamentos adquiridos durante a Grande Guerra (Primeira Guerra Mundial) fossem rapidamente absorvidos, tão logo o conflito acabasse. Para isso, foram necessárias diversas medidas para registrar os erros e acertos táticos e estratégicos. Uma comissão foi criada e apresentou em 1921 a ‘’Instrução Provisória sobre o Emprego Tático das Grandes

Unidades'' que serviu de guia para a Missão Militar Francesa de Instrução contratada pelo Brasil. A Instrução Provisória foi muito bem feita:

> A composição e o estilo do documento (que ele caracteriza como regulamento) demonstram uma grande preocupação de clareza. Os autores definem com precisão os objetos de que tratam. A linguagem é sóbria, cada regra é expressa de maneira imperativa e de forma impessoal, a se impor como resultante da experiência. (MALAN, 1988, p121.)

Também foi acrescentada nas instruções a ideia de valorizar o moral da tropa e de centralização do comando durante toda ação e isso tornar-se-ia cada vez mais possível devido aos grandes avanços na eficiência dos meios de comunicação.

Figura 7 – Exército Francês durante a Primeira Guerra Mundial Fonte: < pt.wikipedia.org/wiki/Frente_Ocidental_(Primeira_Guerra_Mundial)>acessado em setembro de 2018

O princípio germânico de ''empenhar-se para discernir'' foi substituído pela tradicional cautela cartesiana francesa que pregava: ''para vencer, começa por conhecer e compreender antes de engajar-te'' fazendo uma alusão à importância do reconhecimento para o planejamento e execução das manobras táticas. Surgiu assim os Fatores de Decisão, ou seja elementos básicos do método de raciocínio para o planejamento de cada missão como , por exemplo a missão, o inimigo, o terreno e os meios.

3.1.2 Contribuição da Escola de Equitação do Exército na doutrina

Em 1922 foi criado o Centro de Formação de oficiais Instrutores de Equitação, embrião da atual Escola de Equitação do Exército, no Rio de Janeiro. Os instrutores vieram da Escola de Sammur, na França, sendo reconhecida mundialmente como um lugar de excelência para a equitação. O objetivo do centro era formar instrutores de

equitação para transmitir os conhecimentos da equitação acadêmica aos corpos de tropa. Vale lembrar que , como a tropa brasileira era hipomóvel , essas instruções seriam fundamentais para o bom adestramento da tropa. O centro foi concebido para ser um polo irradiador da técnica equestre utilizada na França.

> Ha muito que o nosso Exercito se ressentia da falta de uma escola de cavalaria em que os seus oficiais pudessem fazer um curso de equitação às direitas, porque, hoje em dia, as diferentes armas que se servem do cavalo precisam dele com um treinamento todo especial e apto para desempenhar com o maior rendimento de trabalho e o menor dispêndio de energias tudo que lhe é solicitado.(O PAIZ, outubro de 1923)

O Brasil até o momento da criação do Centro não possuía, assim como em muitas outras áreas, uma doutrina equestre. O que se praticava aqui era um pouco da doutrina alemã, devido aos intercâmbios de alguns oficais brasileiros na Alemanha, e a aplicação do conhecimento empírico sobre métodos de adestramento e doma do cavalo.

Os instrutores de Saummir não somente ensinaram para os brasileiros a doutrina francesa mas também fizeram com que ela fosse absorvida inclusive com a regulamentação de técnicas e materiais a serem empregados. Houve por exemplo a implantação de um método de adestramento racional e sistemático que buscavam com que o animal fizesse os movimentos de maneira mais natural possível semelhante ao que faziam quando em liberdade. Esses procedimentos eram praticados também em outras importantes escolas europeias como a de Versailles.

Podemos citar alguns notáveis da equitação acadêmica que, com a criação do Centro, exerceram grande influência na nossa atual doutrina. Como por exemplo, François Baucher, mestre francês, que começou sua carreira em apresentações circenses à cavalo, quando consagrou-se perante o público. Para ele “é necessário destruir as forças instintivas e substituí-las pelas forças transmitidas". Ele acreditava que o cavaleiro deveria destruir a resistência apresentada pelo animal através da ação em seu sistema muscular, flexibilizando-o ou totalmente ou parcialmente, podendo ser a cavalo e até mesmo a pé.

> O cavalo flexionado, colocado, ligeiro e suportando os ataques, concetrado na ajuda do efeito conjunto prolongado, em que todas as forças do animal se situam entre as pernas do cavaleiro, tendo todas as forças trasnmissiveis à sua disposição, conseguindo por isso regular o jogo à sua vontade. (RAMIREZ 21012, apud BAUCHER, 1840)

Alguns princípios que Baucher deixou marcado em nossa doutrina equestre, por exemplo, a utilização progressiva de espora, ausência de oposição entre mãos e pernas, as flexões a pé nos cavalos contraídos e o balancear da mão que corrige o antemão.

.

3.1.3 Conclusão parcial sobre a doutrina.

À luz do que foi pesquisado, podemos observar que a Missão Militar Francesa foi determinante para o desenvolvimento da doutrina do Exército Brasileiro. Foi necessária uma verdade reformulação visto que, antes da Missão, a Força Terrestre possuía uma doutrina obsoleta e empírica. Os aprendizados colhidos pelos franceses durante a Primeira Guerra Mundial foral registrados e passados para os nossos militares em instruções principalmente na então Escola de Estado-Maior e na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

> Ao reformular a nossa doutrina , incipiente, mas com tonalidades mistas, desde conceitos ultrapassados até noções germânicas sobre a matéria, a Missão se viu na obrigação de colocar em dia nossos regulamentos, modificando alguns, traduzinho e adaptando outros, e conservando temporariamente ou substituindo integralmente outros. (MALAN,1988, p 189)

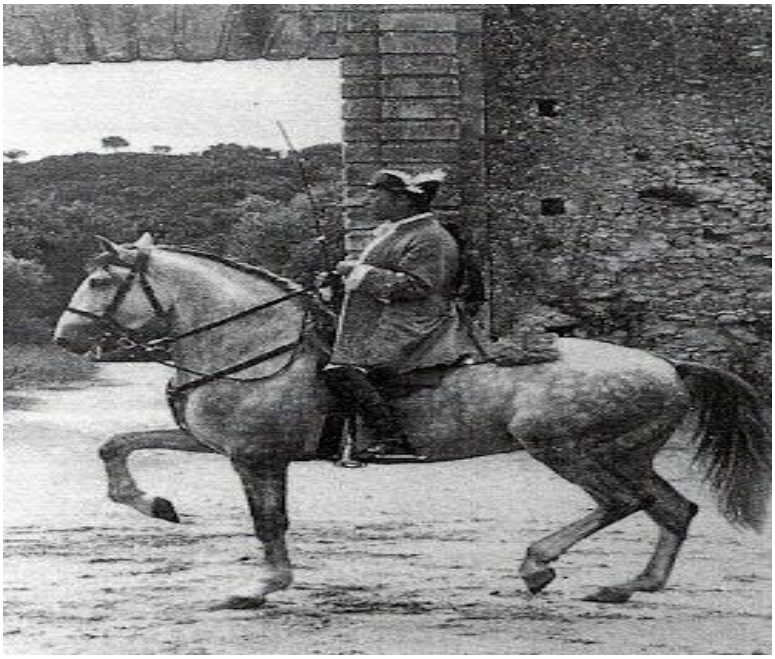

Figura 8 – Equitação Acadêmica Fonte: < equitacao-classica.blogspot.com/p/blog-page.html)>acessado em setembro de 2018

Com o Centro de Formação de oficiais Instrutores de Equitação não foi diferente. Verificamos que os franceses tiveram uma enorme influência em nossa doutrina equestre e, por consequência, impactaram toda a cavalaria brasileira (na

época hipomóvel). Muitos nomes franceses desenvolveram a base da nossa equitação, repassando seus métodos e desenvolvendo até mesmo novas teorias. Com essa padronização de métodos e regulamentos , a instrução da cavalaria teve uma acentuada melhora pois o controle do animal se tornou cada vez mais eficaz não somente para os oficiais brasileiros que realizavam o curso mas, principalmente, para os soldados de cavalaria quando esse conhecimento foi irradiado para os mais diversos rincões desse país.

3.2 A ESTRUTURA

3.2.1 Contribuição da Missão Militar Francesa para a estrutura

De acordo com Malan, a Missão Militar Francesa impactou de maneira significativa as estruturas do Exército. A criação das Escolas foi sem dúvida o legado mais importante estruturalmente. Cinco escolas foram instaladas pela Missão, cada uma com a sua relevância, vejamos:

a) Escola de Estado-Maior: de fundamental importância pois tinha o objetivo de preparar os oficiais intermediários e superiores para assessorar ou comandar unidades ou manobras de grande efetivo.
b) Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais: a finalidade da criação dessa Escola de Aperfeiçoamento foi de ministrar para os Oficiais alunos os conhecimentos que se faziam necessários para que ficassem aptos a cumprir a dupla função que incumbe nessa fase da carreira: chefiar durante a paz e na guerra as subunidades e serem instrutores em tempos de paz.
c) Escolas de Intendência e de Administração: O insucesso da expedição de ‘’Canudos’’ e das operações do ‘’Contestado’’ indicavam a necessidade da organização sistêmica dos suprimentos de toda ordem. Essa necessidade logística era tanto para a parte operacional quanto para a organização dos contratos e das aquisições de materiais em geral. Era comum a compra de suprimentos variados de acordo com cada local em que sediava as guarnições e , em tempos de guerra, isso poderia ser trágico.
d) Escola de Veterinária do Exército: sua finalidade principal era de fiscalização dos produtos alimentícios dos militares da tropa bem como também dos próprios animais. Além disso a Escola realizava um curso de veterinária sob a direção técnica dos especialistas da MMF.

e) Escola de Aviação: o objetivo principal era o curso de pilotagem mas também havia um foco nas oficinas, capacidade de manutenção e instruções técnicas das aeronaves.

Também por diretriz da Missão, foram criadas diversas instalações com o objetivo de fabricar munições e explosivos para o Exército. Além disso, com a criação do Centro de Formação de oficiais Instrutores de Equitação, futuramente, seriam edificadas instalações adequadas para os equinos à semelhança do que era feito na Escola de Saummir, principalmente em relação ao manejo.

Figura 9 – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Fonte: < eceme.eb.mil.br/cpcaem>acessado em setembro de 2018

3.2.2 Conclusão parcial sobre a estrutura

Diante dos resultados da pesquisa, verificamos que diversas inovações foram feitas no que tange à estrutura do Exército. As Escolas criadas, cada uma com sua função particular, tinham o objetivo de modernizar as precárias instalações que o país possuía. Ainda que muitas vezes não fossem as construções mais adequadas (algumas vezes adaptando aos prédios antigos), as Escolas tinham plenas condições de cumprir as suas finalidades e assim o fizeram. Cabe ressaltar também a importância da indústria de pólvora e explosivos em locais estratégicos, segundo as orientações da própria Missão.

3.3 A INSTRUÇÃO

3.3.1 Contribuição da Missão Militar Francesa para a instrução

A contratação da MMF de instrução trouxe à tona um problema que já era latente: a falta de estrutura para a instrução, assim como a necessidade de aquisição de materiais para essa mesma finalidade. A Missão não conseguiria atingir seus objetivos se o Exército não se dotasse dos meios e locais adequados. O General Gamelin falava com frequência sobre a necessidade de dar uma especial atenção à instrução.

> A guerra é a luta de duas vontades. A arte da guerra consiste em impor a sua vontade apesar do inimigo. Dessa dupla definição vamos concluir como devemos raciocinar num problema de guerra. O primeiro estágio da doutrina é um ‘’Método de Raciocínio. (MALAN 1988 apud GAMELIN, 1920)

Nesse período começaram a serem publicadas considerações específicas sobre doutrina e instrução, como no caso de ‘’ A Defesa Nacional’’. As experiências adquiridas em exercícios também eram registradas, com destaque, numa fase inicial, para a grande manobra realizada em 1922 no Rio Grande do Sul. As manobras e exercícios no campo de instrução de Saicã eram um ponto positivo mas evidenciavam a necessidade de evolução. Os franceses organizaram assim manobras que pudessem ser estudadas privilegiando as que eram consideradas as principais naquele momento como marcha, estacionamento e combate.

Figura 10 – Instrução Militar atual Fonte: <defesanet.com.br/doutrina/noticia/29139/O-Servico-Militar-no-Brasil--Um-dever-e-direito-do-Cidadao/>acessado em setembro de 2018

Durante todo o tempo que durou a Missão Militar Francesa, o que caracterizou as instruções foi a transmissão metódica, pragmática e consciente dos

ensinamentos, antes passados somente em sala de aula na teoria. Os militares brasileiros passaram a vivenciar a tática, em caso concreto, muito próximo da realidade, tanto quanto aqueles que tinham vivido as batalhas reais. Os instrutores buscavam criar situações em que os instruendos deveriam buscar soluções que não estivessem engessadas nos regulamentos (como era feito até então).

> Muito mais insistiam os instrutores numa solução coerente e alcançada à luz do método de raciocínio exigido, do que uma solução perfeita, pois sendo lógica exequível, o seu êxito dependeria unicamente de uma execução convicta. (MALAN, 1988, p.110)

Um relatório foi feito pelo Chefe da Missão em janeiro de 1929 e pôde-se verificar o esforço feito pelos membros da Missão, particularmente os oficiais, nos estabelecimentos de ensino. Os franceses deram ênfase na documentação para uso nas escolas como regulamentos que seriam difundidos por todo o Exército. Foram feitas atividades de revisão e atualização de técnicas de instrução e abordagem da doutrina. Nos anos finais da primeira fase da Missão foram realizados diversos exercícios em campo com a tropa. Assim eram adestradas de forma cada vez mais intensa Unidades e Grandes unidades. As instruções variavam desde exercícios de tiro, marchas e acampamentos até o adestramento do apoio logístico que era essencial, no entanto, por vezes, renegado à segundo plano.

> A década dos anos 20, na sua intensa marcha, é o período da vida do Exército Brasileiro no qual ele mais se transformou. Motivados objetivamente pela Missão, a princípio os jovens Oficiais aperfeiçoados e os novos componentes do Quadro de Estado-Maior, os atualizados Oficiais de Serviços – Administração, Saúde e Veterinária – e sistematizados alguns setores básicos – educação física e comunicações, postos em destaque – e, logo depois os modernos Sargentos e Aspirantes de um novo Exército, todos foram se entrosando, se completando e compondo seus esforços numa nunca antes realizada transformação no Exército Brasileiro. (MALAN, 1988, p. 145)

3.3.2 Contribuição da Escola de Equitação do Exército para a instrução

No que tange à Equitação Acadêmica, Missão Militar Francesa foi fundamental para a instrução da arte equestre para o Exército. É sempre importante ressaltar que o Exército Brasileiro era hipomóvel e o ensino metódico da equitação proporcionou uma melhora significativa da sua operacionalidade. Os franceses trouxeram técnicas e materiais que faziam o cavalo se submeter às vontades dos cavaleiros de maneira harmônica e suave. O que se fazia aqui até então era o

cavalgar de modo empírico que era passado de pai para filho principalmente nas fazendas.

> No Brasil, os franceses foram os responsáveis por estabelecer uma base metodológica de ensino da arte eqüestre, que alavancaram o desenvolvimento do esporte no país, alem de também influenciar a criação do que hoje é a Escola de Equitação do Exército. (RAMIREZ, 2012, p. 37)

Com a criação do Centro de Formação de Oficiais Instrutores de Equitação, os brasileiros eram formados instrutores antes mesmo de serem atletas de Equitação. Assim, foi padronizada a maneira de se passar os ensinamentos da Equitação Acadêmica. Conhecimentos esses que foram positivados em manuais e regulamentos. Houve uma sensível diferença no material utilizado para a Equitação pois o ideal francês, diferente do alemão (que era um pouco de doutrina que havia no Brasil), era fazer com que o animal se submetesse à vontade do cavaleiro de forma natural.

> Finalizando o trabalho e verificando os resultados obtidos durante as pesquisas chega-se a conclusão de que os franceses foram de fundamental importância para o avanço e desenvolvimento da equitação em nosso país, com a chegada das missões francesas no Brasil no inicio do século XX possibilitou a formação de uma base metódica de ensino, o que era inexistente antes das missões. (RAMIREZ, 2012, p.38)

3.3.3 Conclusão parcial sobre a instrução

Com o exposto nos itens anteriores, não há duvidas de que tanto a Missão Militar Francesa quanto a Escola de Equitação do Exército, de um modo geral, proporcionaram uma mudança radical na instrução do Exército Brasileiro. Podemos dizer, inclusive, que o Exército era considerado até amador se comparado com o exército de alguma potência ocidental, no entanto a Missão o tornou profissional. Um indicador disso, sem dúvida, foi a criação de diversos manuais, que até então não existiam, nos quais os instrutores poderiam transmitir os conhecimento táticos e técnicos para seus instruendos na tropa. De um modo específico, porém não menos importante, a Escola de Equitação padronizou toda a instrução de equitação, de suma importância para uma tropa hipomóvel.

Além da contribuição supracitada, a Escola de Equitação do Exército também proporciona uma contribuição importante para as Polícias Militares. Até o ano de 2017, a Escola formou 193 instrutores e 73 monitores de equitação. Essa

difusão da doutrina equestre para as polícias também potencializam o rendimento da tropa montada.

> Deve se ressaltar que nesses 82 anos de parceria entre a Escola e as Polícias Militares a doutrina do policiamento foi consolidada em todo o Brasil. (SILVA, p 60, 2017)

6 CONCLUSÃO

Essa pesquisa teve por objetivo descrever a contribuição da Missão Militar Francesa e da Escola de Equitação do Exército para o Exército brasileiro e verificar a sua importância.

Dos resultados da pesquisa, foi observado que tanto a Missão Militar Francesa quanto a Escola de Equitação do Exército (inicialmente Centro de Formação de Oficiais Instrutores de Equitação) causaram grande impacto no Exército Brasileiro.

A Missão Militar Francesa foi um marco para nosso Exército pois até então não tínhamos sequer uma doutrina militar. Aqui eram praticadas algumas técnicas e manobras alemãs, já obsoletas, e aquilo que os militares haviam aprendido em virtude de conflitos internos. No entanto, o Exército não estava preparado para a guerra do século XX, muito modernizada devido principalmente à Primeira Guerra Mundial. Os Franceses, sabendo da importância da evolução doutrinária, souberam registrar e absorver muito bem as lições aprendidas em diversas batalhas. Por esse motivo contratar uma Missão Militar da França foi uma acertada escolha do governo brasileiro na época.

Foi verificado que os franceses influenciaram nosso Exército em três grandes aspectos: o doutrinário, as estruturas e as instruções. Como já foi abordado no parágrafo anterior, a doutrina francesa, moderna na época foi difundida de maneira que os militares brasileiros ficassem a par do que aconteceu no maior e mais recente combate em larga escala da época. As táticas e técnicas foram passadas de maneira a modificar a conduta em combate desde o soldado até os comandantes de grandes unidades. Para isso, A Missão Militar Francesa deixou um legado estrutural grande como a criação de diversas escolas militares, como a Escola de Estado-Maior e Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, e até mesmo a

criação de fábricas de pólvora e explosivos, fomentando a indústria bélica nacional. Campos de instrução também foram criados porque foi contatada a necessidade de realizar manobras de campo que imitassem as situação de combate para que os oficiais alunos pudessem ter uma noção prática, saindo da teoria da sala de aula.

Além disso, talvez a maior contribuição da Missão para o Brasil, juntamente com a doutrina, foi em relação à instrução. Antes dos franceses, a instrução era realizada sem controle de métodos e sem documentos que padronizassem o que era passado. Isso era um erro muito grave pois, em uma situação de conflito, cada unidade agiria de uma forma diferente de outra o que resultaria em um verdadeiros caos no campo de batalha tornando impossível o seu comando. Com a missão, as instruções foram documentadas e difundidas, juntamente com os seus métodos, para todo o país.

Assim como a Missão Militar Francesa, a Escola de Equitação do Exército também desenvolveu doutrina e instrução equestre, o que na época foi muito importante. Com a Cavalaria do Exército sobre o dorso do cavalo e também todos os apoios logísticos, ter bons cavaleiros em sua tropa era essencial e era um indicador da operacionalidade. Assim como nos demais casos supracitados, a instrução de equitação variava de acordo com o local que era ministrada. Também não possuía doutrina sendo o conhecimento empírico a principal forma de transmissão de técnicas. Os franceses trouxeram instrutores da conceituada e tradiocinal Escola de Saummir para instruir os alunos futuros instrutores de equitação. Sendo assim, a equitação acadêmica francesa que tinha por objetivo colocar o animal de modo submisso ao homem foi passada para os militares brasileiros com seus métodos, técnicas e doutrina. Logo com a dispersão dos instrutores para diferentes unidades de Cavalaria, a tropa hipomóvel deu um salto de qualidade.

Diante dessas constatações é possível afirmar que a Missão Militar Francesa de Instrução e a criação da Escola de Equitação do Exército representaram um ponto de inflexão na história militar brasileira, elevando nosso Exército a um patamar acima do que era até então.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aluísio de. **A vida e a morte do tropeiro.** São Paulo, Vila Rica editoras Reunidas, 1993

CANCELLA, Karina Barbosa, **O esporte e as forças armadas na primeira república: das atividades gymnasticas às participações em eventos esportivos internacionais.** Rio de Janeiro: Bibliex, 2014.

FERREIRA, Coronel Renyldo. **O hipismo brasileiro**, 1ª ed, São Paulo, Editora M10, 2002

GOMES, Leonardo Martins. **A História da Escola de Equitação do Exército.** 2011. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Equitação) - Escola de Equitação do Exército, Rio de Janeiro, 2011.

LIOTTI, Thiago Thomas Cristovão. **A importância dos militares na implantação e desenvolvimento da equitação no Brasil na década de 20.** 2015. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Equitação) - Escola de Equitação do Exército, Rio de Janeiro, 2015.

MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército,1988. 267p.

O EXERCITO vai ter afinal uma escola de cavallaria.**O Paiz,** Rio de Janeiro, RJ, 26 de outubro de 1923.

PEREIRA, Rafael Matta Assenção. **A preparação dos cavalos empregados em operações de garantia da lei e da ordem.** 2011. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Equitação) - Escola de Equitação do Exército, Rio de Janeiro, 2011.

RAMIREZ, Eric Blas .**Missões Francesas e a Escola de Equitação do Exército: o legado deixado pelos franceses para a equitação brasileira.** 2012. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Militares) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2012.

Silva, Alisson Bordwell da. **Contribuição da Escola de Equitação do Exército Brasileiro para as Polícias Militares** 2017. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Equitação) - Escola de Equitação do Exército, Rio de Janeiro, 2017.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

ENTREVISTA EXPLORATÓRIA – CORONEL NIGRI

Sou o 1º Ten Cav MARCUS VINICIUS GIL CAVALIERI BRANDÃO, da turma de formação de 2015 da AMAN, pós graduando em Equitação, ora cursando a Escola de Equitação (EsEqEx).

Estou realizando uma pesquisa sobre o tema: A MISSÃO MILITAR FRANCESA E A ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO.

O presente estudo pretende contribuir para solucionar o seguinte problema: a missão militar francesa contribuiu com o Exército Brasileiro com a criação da Escola de Equitação do Exército?

A pesquisa tem por finalidade analisar a contribuição da Missão Militar Francesa, através da Escola de Equitação do Exército, buscando verificar se as inovações de instrução e padronização de técnicas de equitação foram úteis para a Força e de que maneira elas se aplicam.

Com este estudo, pretende-se gerar uma análise do impacto causado pela Missão Militar Francesa e pela EsEqEx na instrução militar da Cavalaria, na época hipomóvel e verificar se essa contribuição perdura até os dias atuais.

Agradeço ao senhor pela atenção demandada além de colocar-me à disposição no email: marcuscavalieri@bol.com.br

1. Durante a minha revisão da literatura , ao consultar livros e outros trabalhos de pós-graduação, verifiquei que a Missão Militar Francesa padronizou na Escola de Equitação do Exército diversas instruções e técnicas equestres que puderam ser difundidas por toda Cavalaria da época. No entanto, não encontrei registros objetivos citando quais instruções e técnicas seriam essas. O senhor poderia descrever como foi essa padronização e citar algumas das principais mudanças em relação ao que era feito até então?

Inicio, citando alguns fatos que caracterizavam a equitação no Brasil, na época do Império. Na família real, embora todos montassem, a única que se interessava pelo aprendizado da arte equestre era a Princesa Leopoldina, filha de D.Pedro II.

O Imperador era um homem culto e interessado em oferecer a filha o que havia de melhor em termos de professor. Dessa forma contratou Luis Jácome d'Abreu e Souza, brasileiro, recém-chegado da Inglaterra, onde fora se especializar, em tudo que se relacionasse ao cavalo, como equitação, ferragem e hipologia.

Jácome trouxe para o Brasil, o que de melhor havia, na época, em termos de arte equestre, pois absorveu no velho continente ensinamentos transmitidos pelo Duque de Newcastle, que participou na Idade Média da Renascença Italiana.

Assim, Jácome tornou-se em 1869 instrutor de equitação da família imperial, em especial da Princesa Leopoldina e, por conseguinte introduziu no Brasil a Equitação Acadêmica. Em consequência, passamos a ter a prática do Adestramento racional e sistemático, já em desenvolvimento na Europa.

Com a República e o regresso da família real, Jácome permaneceu ministrando aulas nos terrenos, onde se situavam as cocheiras imperiais e fundou em 1911 o Club Sportivo de Equitação, hoje Centro Hípico do Rio de Janeiro (CHEx). Para esse

empreendimento, Jácome contou com o apoio de civis entusiastas e de seu discípulo dileto, o Ten Armando Jorge.

Antes da guerra de 1914-18, o Mal Hermes da Fonseca, Presidente da República, envia para a Escola de Cavalaria de Hanover, na Alemanha, um grupo de Oficiais do 1º RC e os ensinamentos obtidos naquele país, mais rígidos e menos flexíveis se opunham aos conceitos de Armando Jorge.

Crio-se, como era de se esperar, um impasse, pois um preconizava a flexibilidade e a impressão de liberdade e o outro a sujeição incondicional ao cavaleiro, firme e ereto na sela, Portanto, os métodos de trabalho diferiam substancialmente.

Em consequência dessas discrepâncias, no governo de Epitácio Pessoa, viu-se a necessidade de contratar uma missão capaz de uniformizar os ensinamentos da prática equestre. Após estudos, sobre qual seria a missão mais adequada a alemã ou francesa, a decisão recaiu nessa última.

A Missão Militar Francesa veio com o objetivo específico de “formar um núcleo de Oficiais instrutores de equitação capaz de transmitir nas escolas e nos corpos de tropa, regras uniformes de equitação”, no período de 15Mai a 15Set1922.

Ocorre que, nesse período correspondia às comemorações do centenário da independência, que previa um concurso hípico internacional, que pela sua importância absorveu todo o meio hípico. Essa situação impôs aos instrutores franceses o treinamento de nossos cavaleiros, não permitindo a pretendida formação de instrutores de equitação.

Em face do insucesso da equipe brasileira no evento, o Exército resolveu criar o Núcleo de Adestramento de Equitação em 1923 e contrata o Cap Armand Gloria, do Cadre Noir de Saumur para a função de Instrutor-Chefe. O Núcleo funcionou na Escola de Estado Maior (hoje 1º BPEx) e designou 10 Oficiais das Armas de Cavalaria e Artilharia para frequentarem o curso.

Nessa rápida síntese, podemos entender as transformações que ocorreram ao longo dos anos. E, constatarmos que com a vinda da Missão, fomos beneficiados, através de seus instrutores, com conhecimentos de mais de 2400 anos.

Os franceses nos contemplaram com ensinamentos de seus grandes mestres desde Versailles a Saumur, dentre eles Pluvinel, Baucher, verdadeiro gênio equestre, d’Aure, L’Hotte, La Guérinière, Decarpentry, dentre outros.

O ensino, antes da vinda da Missão, era muito individual e empírico. A Missão, sem dúvida racionalizou a prática da equitação, através de um método e uma doutrina, com currículo e conteúdo programático adequados, na época, à nossa demanda. A metodologia do ensino, embora tenha passado por diversas variantes, ao longo dos anos foi consolidada e perfeitamente ajustada ao Sistema de Ensino do Exército.

2. Essa sistematização do ensino de equitação trouxe benefícios para a Cavalaria da época? Quais benefícios seriam esses?

A sistematização que nos foi legada trouxe, evidentemente, inúmeros benefícios, pois uniformizou conhecimentos que expressam a arte equestre de forma científica e didática e capacita instrutores e monitores a disseminá-la pelo país da mesma forma e com uma linguagem única. Os nossos conceitos estão absolutamente de acordo com os da Federação Equestre Internacional, da qual somos filiados.

3. Qual a importância da Missão Militar Francesa, através da EsEqEx, para o desenvolvimento do hipismo nacional?

A Escola formou em 1924, a primeira turma de Instrutores, tornando-se um polo irradiador da doutrina equestre no Brasil. Inegavelmente, a partir dessa data o Hipismo e a Equitação receberam em toda a sua plenitude, um grande estímulo no desenvolvimento e evolução da arte equestre.

4. O senhor concorda que as instruções ministradas na EsEqEx ainda trazem benefícios para o Exército?

Não tenho dúvida em afirmar que, a Escola, através de sua ferramenta básica – o CAVALO – que constitui por si só um verdadeiro educandário, uma escola viva que atua em todos os campos do saber: psicomotor, cognitivo e emocional, contribui significativamente no desenvolvimento de atributos físicos e morais do combatente.

5. O senhor considera que o militar possuidor do Curso de Equitação pode contribuir para o aperfeiçoamento das técnicas, táticas e procedimentos da tropa hipomóvel atuando no contexto da Garantia da Lei e da Ordem?

Na Garantia da Lei e da Ordem, necessitamos de militares que possuam uma formação sólida na arte de montar, para intervir positivamente em situações que exigem o seu emprego. O cavalo, como sabemos, por si só impõe respeito, no entanto é o cavaleiro e o treinamento que foi dispensado, que produz os efeitos desejados e a eficiência da tropa.

6. O senhor possui alguma contribuição sobre o assunto que gostaria de acrescentar?

Apenas para complementar, não há a menor dúvida de que, pelas suas características, a equitação e o desporto equestre desenvolvem atributos de todas as áreas, sendo que da área afetiva como coragem, audácia, iniciativa, decisão, dentre outros, tornam essas atividades uma imitação da guerra, em todas as suas concepções, constituindo-se numa das melhores formas de forjar a têmpera do líder e do combatente.